

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1353 - 18/07/2016 a 24/07/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

PANORAMA

A CEVADA DE OLHO NA INDÚSTRIA

PECUÁRIA

O reforço da Carne
Carbono Neutro

AGROQUÍMICOS

Europa prorroga
uso do glifosato

www.sistemafaep.org.br

Um desenho muito interessante pode ser visto a partir dos dados da pesquisa “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, feita pelo Sistema FAEP/SENAR-PR e “destrinchada” em uma série de reportagens apresentada aqui no Boletim Informativo nas últimas semanas. O que se vê é uma produção moderna, bem encaixada com outras categorias de negócio e em busca de melhorias, inclusive para as questões logísticas que afligem o país.

Um bom exemplo está na cevada, retratada nesta edição. Geograficamente, percebe-se como a produção está concentrada na região de Guarapuava, aproveitando a proximidade com a maltaria existente no município. E os números da cultura mostram como o produtor é aguerrido: neste ano, mesmo com uma área de cultivo sensivelmente menor, espera-se uma produção maior que a do ano passado. (A série sobre o panorama da agropecuária já trouxe textos sobre soja, milho e trigo, que o leitor pode conferir nas edições passadas. Na internet, é possível encontrá-las no endereço www.sistemafaep.org.br/publicacao/boletins-informativos.)

Nesta edição, temos também reportagem sobre o selo Carne Carbono Neutro, uma iniciativa da Embrapa que destaca produtos com alto grau de bem-estar animal e ambientalmente corretos. Novamente, o produtor paranaense está à frente – o princípio do carbono neutro é a integração Pecuária-Floresta ou Lavoura-Pecuária-Floresta, algo que já se faz por aqui desde os anos 1980.

Tudo isso e muito mais! Boa leitura!

Homenagem	03
Ministro da Agricultura	04
Memória	07
Pecuária de Corte	08
USDA	10
Abacaxi	12
Agroquímicos	15
História - Barão de Coubertin	16
Global G.A.P.	18
Agricultura Vertical	19
Cevada	20
Notas / Fundepec	23
Clube da Bezerra	24
Sindicato da Lapa	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná
Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR
Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo
Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1353: Fernando Santos, Milton Doria e Giuliano Gomes, Divulgação, Arquivo FAEP

Parabéns, pecuaristas!

Na última sexta-feira (15) celebramos o Dia Nacional do Pecuário. A data não pode passar em branco, uma vez que há muitos motivos para comemorar neste setor. Hoje a produção brasileira de carne bovina é de 9,5 milhões de toneladas. Deste total, 7,6 milhões são destinadas ao mercado interno e 1,8 milhão são exportados para mais de 140 países, gerando divisas e empregos. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) a cadeia da carne bovina movimentou R\$ 167,5 bilhões por ano, e gera aproximadamente 7 milhões de empregos.

Segundo a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), seguindo este ritmo, em cinco anos o Brasil poderá ser o maior produtor de carne bovina do planeta, superando os Estados Unidos, que hoje ocupam o primeiro lugar neste ranking.

Apesar de o Paraná não se destacar em volume de produção no cenário nacional, o Estado tem o diferencial da qualidade. Nossos pecuaristas são altamente tecnicizados, bem informados e vêm obtendo resultados incríveis porteira adentro.

No ano passado, foram abatidos no Esta-

do mais de 1,24 milhão de cabeças. No que se refere ao peso das carcaças, o Paraná ocupa o nono lugar no ranking nacional, totalizando mais de 300.324 toneladas de carne. No primeiro bimestre, as vendas externas de carne in natura do Estado cresceram 281,7% em relação aos dois primeiros meses de 2015. A receita de exportação totalizou US\$ 15,9 milhões no período.

A FAEP está atenta à importância deste segmento e, por isso, criou em 2015, em parceria com o governo do Estado e diversas entidades, o programa Pecuária Moderna, que tem como objetivo modernizar e fortalecer a pecuária paranaense. Segundo o Presidente da Comissão de Bovinocultura de Corte da FAEP e coordenador do comitê gestor do Programa, Rodolpho Werneck Botelho. “Estamos nos preparando para aumentar a produção de carne de qualidade, preconizando a segurança alimentar e ofertando, no mercado nacional e internacional, um produto diferenciado, sustentável e de maior valor agregado.”

**Você, pecuarista
paranaense, está
de parabéns!**

“Sou filha de pecuarista e estou no setor desde os 18 anos. Esse é um negócio de grandes perspectivas para o Paraná. Atualmente temos muitas áreas destinadas à pecuária, que não são úteis para a agricultura, que precisam ser ocupadas.”

Lígia Franco de Medeiros Buso
Santo Antônio da Platina

“A pecuária deve ser incentivada porque é um importante elo dentro do agronegócio. Hoje um dos entraves para o seu desenvolvimento é a falta de informações para dar suporte à atividade. São necessários investimentos públicos: nós pagamos impostos e esse dinheiro não volta.”

Vicente Lúcio Michaliszyn
Pato Branco

“A pecuária é uma cadeia importante para o Brasil e para o Paraná. Ela gera emprego, renda, tem importância na balança comercial, mas ainda precisa se desenvolver e se aperfeiçoar.”

Marcos Minghini
Ribeirão Claro



Lideranças entregam propostas ao ministro da Agricultura

Documento inclui 10 áreas temáticas fundamentais para a manutenção e melhoria do crescimento do agronegócio nacional



Ágide Meneguette, ministro Blairo Maggi, José Roberto Ricken e Neri Geller

Na primeira missão oficial ao Paraná desde que assumiu a cadeira de ministro da Agricultura, Blairo Maggi se reuniu com as principais lideranças do agronegócio estadual no dia 8 de julho, na sede da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar), em Curitiba. Na ocasião, a FAEP, em parceria com a Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento (Seab) e a Ocepar, entregou um documento com propostas para as políticas públicas em 10 áreas temáticas do agronegócio brasileiro.

“O documento foi elaborado com base em questões fundamentais para a continuidade do crescimento e competitividade do setor e também para continuarmos colaborando para combater a crise, gerando empregos e renda”, diz o presidente da FAEP, Ágide

Meneguette. “Essas contribuições para eventuais aperfeiçoamentos são fundamentais para que o agronegócio não se contamine pela crise”, reforça o secretário estadual de agricultura, Norberto Ortigara.

“É um momento propício para darmos uma contribuição ao ministério. Nossa intenção é apresentar sugestões ao aprimoramento das políticas públicas de apoio à agricultura”, disse José Roberto Ricken, presidente da Ocepar.

Na mesma linha de raciocínio, o próprio ministro destaca o papel fundamental que o agronegócio tem para que o país se recupere mais rápido dos problemas atuais, que, por exemplo, fizeram chegar a 11 milhões o número de desempregados no país. “O Bra-

sil só vai sair da crise pelo agronegócio”, disse o ministro. “Isso é consenso. Não será pela indústria, que irá demorar anos para se reestruturar. Na retomada com rapidez, a agricultura e a pecuária são protagonistas”, complementou, diante de um auditório lotado.

O documento desenvolvido pelas três entidades aborda questões como taxas de juros de longo prazo, seguro rural, sanidade e comércio internacional (leia detalhes na página 6). O setor pediu ao ministro, entre outras coisas, a redução das taxas de juros. “O dinheiro está um pouco caro para o agricultor. Eventuais ajustes de juros em algumas linhas seriam importantes”, destaca Ortigara.

Atenção às questões sanitárias

O setor produtivo também solicitou um esforço extra do governo federal em relação as questões sanitárias. O Paraná, por exemplo, está realizando uma força-tarefa coletiva para, em breve, buscar o reconhecimento de área livre de febre aftosa sem vacinação pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE, na sigla em inglês). Esse processo, que pode dar resultados no próximo ano, abriria para a carne paranaense mercados novos e dispostos a pagar mais.

“Precisamos compartilhar um fundo federal para ter uma ação mais agressiva, uma pegada de curto prazo para o fim da vacinação contra aftosa. Isso iria destravar mercados”, ressalta o secretário de agricultura.

Independentemente do reconhecimento de área livre de aftosa sem vacinação – hoje, apenas Santa Catarina tem esse status no Brasil –, Blairo destacou o trabalho do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em acessar o mercado internacional. “O país está se estruturando para fazer um ataque para colocar os produtos no exterior”, diz, reconhecendo que o trabalho não é fácil. “O Brasil é mal visto lá fora, pois somos tidos com um país que não obedece as regras trabalhistas e ambientais. Mas isso não é verdade.”

Blairo usou números da Embrapa sobre a ocupação territorial nacional para desconstruir essa imagem: 61% do território brasileiro são de preservação, 13% de terras indígenas, 8% agricultura e 19% pecuária. Ainda, segundo o ministro, a média de área preservada dos 12 países que têm mais de dois milhões de metros quadrados é de 8%.

Na presença do ministro da Agricultura, a FAEP apresentou as diretrizes do programa de conservação do solo que está desenvolvendo. “Estamos bastante preocupados com o solo. O SENAR está realizando pesquisas e desenvolvendo novas formas de conservação”, destaca Ágide Meneguette.

O programa, que será lançado em breve, está fundamentado em eixos como capacitação técnica, recuperação de estradas rurais e vicinais, manutenção e ampliação de linhas de crédito como do programa ABC, e revisão da legislação que atende à conservação do solo. “Temos pela frente uma empreitada de quatro, cinco anos para melhorar nosso solo”, frisa o presidente da FAEP.





Veja os detalhes

Conheça as 10 propostas entregues ao ministro da Agricultura.

Política agrícola plurianual – implementar Política Agrícola Plurianual, com visão de médio e longo prazo.

Planejamento estratégico do cooperativismo paranaense – disponibilizar políticas de crédito para investimento com o objetivo de fomentar o cooperativismo.

Gestão de Risco Rural – prever recursos de R\$ 1,1 bilhão para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), criar sistemática de diminuição de juros de financiamento para agricultores que aderirem ao seguro agrícola, aprimorar a política de negociação coletiva do seguro agrícola, propiciar a previsibilidade e estabilidade do programa de seguro agrícola, alterar as regras do PSR de percentuais de subvenção, desburocratizar o Proagro e retomar estudos técnicos para adequar o zoneamento agrícola (ZARC) de acordo com as novas cultivares, manejos e condições edafoclimáticas [relativas a solo e clima].

Infraestrutura e logística – acelerar os investimentos públicos e privados em infraestruturas de transportes, destravar os arrendamentos nos portos brasileiros e criar programa de energia distribuída nas propriedades rurais (eólica, solar e biomassa).

Programa nacional de conservação de solos – estruturar um programa nacional de conservação de solos e fortalecer o programa ABC.

Políticas de comércio internacional – fortalecer as políticas de comércio internacional.

Venda de terras para estrangeiros – apoiar a rejeição do PL nº 4.059/2012 e do PL nº 2.289/07 visando restringir a venda de terras para estrangeiros.

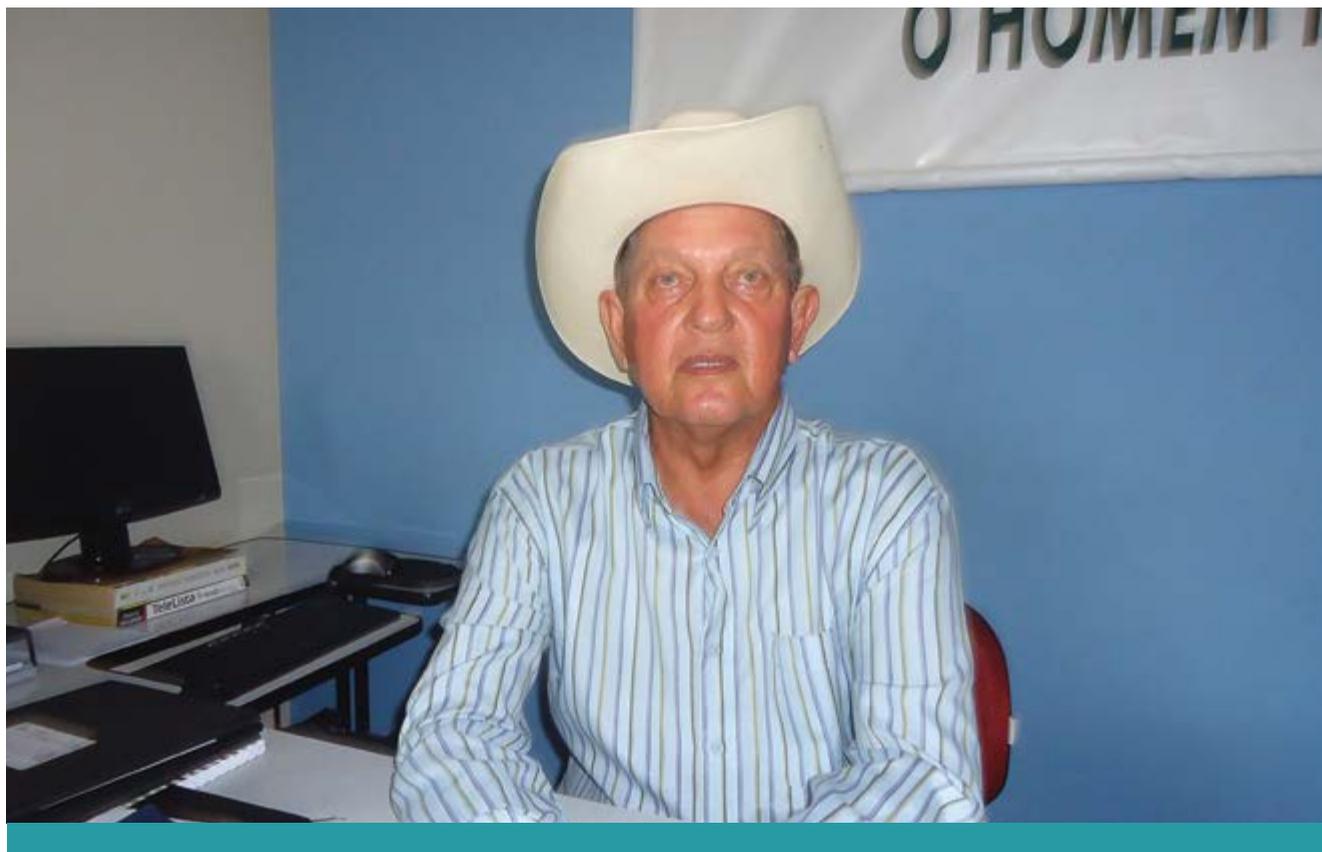
Crédito rural – reduzir as taxas de juros de diversos programas, ampliar e disseminar o crédito de custeio rotativo ou renovável concedendo taxa de juros mais atrativa que no crédito rural tradicional, diferenciar os limites de crédito de custeio estabelecidos para as atividades agropecuárias, dobrar os recursos programados para a safra 2016/17 e criar o programa de subvenção ao prêmio de contratos de opção atrelados aos financiamentos de custeio.

Apoio à comercialização – reestruturar o Conselho Interministerial de Estoques Públicos de Alimentos (CIEP) para desburocratizar as autorizações de aquisições e equalizações de escoamento de produtos e adequar os preços mínimos aos custos de produção e liberar recursos oportunamente na Política de Garantia de Preços Mínimos.

Defesa e sanidade no agronegócio – coordenar ações junto aos estados brasileiros e países vizinhos para implementação de uma política comum de controle da ferrugem asiática da soja, intensificar ações para aumentar o número de frigoríficos brasileiros credenciados para a exportação, buscar o reconhecimento das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste como áreas livres de febre aftosa sem vacinação, ampliar o número de laboratórios oficiais credenciados pelo Mapa que realizam exames de testes diagnósticos para controle das doenças de notificação obrigatória em animais, e reforçar a atuação da fiscalização junto às fronteiras e portos, para evitar introdução de novas pragas e doenças.

Adeus ao pioneiro do Noroeste

Presidente do Sindicato Rural de Pérola, Antônio Azedo, faleceu no dia 11



Uma das lideranças mais antigas e mais ativas do associativismo rural paranaense, o presidente do Sindicato Rural de Pérola, Antônio Azedo, nos deixou na segunda-feira (11). Sua partida foi sentida não apenas pela família e pelos amigos, mas por toda a comunidade, que reconhecia na sua pessoa um exemplo de trabalho e dedicação a ser seguido. A prefeitura decretou luto oficial de três dias em respeito ao seu papel de protagonismo na agricultura do município.

Pessoa séria e comprometida com o trabalho, Azedo participou da gênese do pequeno município da região Noroeste do Paraná. Foi vereador nas duas primeiras legislaturas da cidade, entre 1968 e 1977, movido pelo interesse em ajudar os produtores e trabalhadores rurais da região, pois não recebia salário pela função legislativa. Nesta condição chegou a presidente da Câmara Municipal.

Nasceu em Novo Horizonte (SP) em agosto de 1943, no seio de uma família de produtores rurais, e veio para o Paraná na segunda metade do século passado. Além de presidente do Sindi-

cato Rural, foi fundador da Sociedade Rural de Pérola, que levou o nome do seu pai, Gregório Azedo. Era o mais antigo dirigente da região, que congrega 36 municípios. Até bem próximo da sua morte, costumava dar expediente no Sindicato, que conduziu por 30 anos, emprestando sua sabedoria e experiência aos produtores do município.

Como produtor rural, atuou na pecuária e, mais recentemente, na cana-de-açúcar. Segundo sua viúva, Elza Chorem Azedo, com quem viveu 52 anos, em casa era uma pessoa brincalhona, pai amoroso e esposo responsável. “O que ele mais gostava era pescar no Rio Paraná”, revela Elza, lembrando-se de tempos idos em que era sua companheira de aventuras, como em uma viagem com amigos até o Tocantins para pescar.

Generoso, sempre tinha pronta uma palavra amiga ou um conselho para outros produtores. Gostava de conversar e dividir seu conhecimento com quem dele precisasse. Deixa dois filhos, Marcos Antônio Azedo e Cristina de Fátima Azedo Monteiro.

Alinhamento estratégico

Selo Carne Carbono Neutro reforça o trabalho de fortalecer e modernizar a bovinocultura de corte do Paraná desenvolvido pelo programa Pecuária Moderna



O trabalho do programa Pecuária Moderna, promovido pelo governo estadual em parceria com outras entidades como a FAEP para fortalecer e modernizar a bovinocultura de corte no Paraná por meio de ferramentas de gestão, comercialização e da organização dos produtores, ganhou um novo aliado. Na semana passada, na 20ª reunião ordinária do Comitê Gestor Central do programa, ocorrida na sede da FAEP, em Curitiba, os integrantes do grupo puderam conhecer detalhes do selo Carne Carbono Neutro (CCN), desenvolvido pela Embrapa Gado de Corte.

A marca-conceito atesta a procedência da carne bovina produzida com alto grau de bem-estar animal, uma demanda crescente dos mercados consumidores no exterior. O conceito

e a prática são simples: a carne deve ser originária de bovinos produzidos em locais onde há presença de árvores, em sistemas em integração do tipo silvopastoril (pecuária-floresta) ou agrosilvopastoril (lavoura-pecuária-floresta). Desta forma, ocorre a neutralização dos gases emitidos pelos animais – ou seja: a produção de oxigênio pela fotossíntese feita pelas árvores compensa a emissão de gases feita pelos animais. O metano entérico, exalado pelos bovinos, é um dos principais gases responsáveis pelo efeito estufa que provoca o aquecimento global.

“É da natureza do animal e hoje nós podemos neutralizar. No futuro próximo, não será possível discutir pecuária de corte sem passar por árvores”, destaca Vanderlei Porfírio da Silva, pesquisa-

dor da Embrapa Florestas e responsável pela apresentação do CCN para o Comitê. Assim, a integração já praticada no Paraná aparece como uma tendência irreversível para a produção de carnes.

Apesar de parecer um conceito novo, a manutenção da pecuária de corte aliada às árvores é antiga no Paraná. Existem propriedades que realizam o consórcio desde a década de 1980. “Isso prova que a tecnologia funciona”, garante Porfírio. Atualmente, são mais de 500 áreas cadastradas em todas as regiões do Estado.

O consórcio de gado de corte com árvores não se restringe ao Paraná. Outros sete Estados também possuem fazendas com o sistema. No Mato Grosso, por exemplo, já são mais de 100 mil hectares dedicados à Carne Carbono Neutro. “Não existe uma receita pronta. Mas tem um conceito que podemos adaptar a qualquer região do país”, destaca o pesquisador.

Vantagens

Os ganhos para o produtor que adota o sistema CCN são inúmeros. Começam com maior bem-estar do animal, que resulta em um tempo mais curto de engorda por causa do conforto térmico (afinal, os animais contam com sombra para descansar) e chegam à abertura de novos mercados. Atualmente, a onda de consumo consciente no mundo, principalmente na Europa e paí-

ses da Ásia, é crescente. Desta forma, a procedência das carnes ofertadas nas prateleiras dos supermercados e nas mesas dos restaurantes precisa estar de acordo com questões de bem estar e qualidade. A garantia de que a produção é neutra do ponto de vista da emissão de gases nocivos também pode ser atraente para mercados sensíveis a questões ambientais.

Na prática, tudo isso significa que o produtor pode receber mais pela carne. E ainda, para complementar a renda, pode realizar o corte das árvores na época certa e vendê-la para as fábricas de móveis.

“Precisamos qualificar a pecuária de corte para acessar mercados que pagam mais”, destaca Porfírio. “Os benefícios são para todos: o produtor receberá mais e a sociedade em geral terá acesso a um produto de melhor qualidade.”

No último mês de maio, a JBS realizou um primeiro abate comercial dentro do conceito CCN, na planta de Campo Grande (MS). O lote abatido registrou alta qualidade técnica, com 95% das carcaças classificadas no índice de qualidade Farol Verde, segundo a empresa.

Para o representante do Fundo de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Paraná (Fundeppec), Ronei Volpi, o selo é mais uma arma para melhorar a pecuária de corte no Estado. “A FAEP endossa tudo que pode alavancar o programa Pecuária Moderna.”

A marca Carne Carbono Neutro possui registro no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi).



Temporada de recordes

USDA indica maiores produções de milho e soja nos Estados Unidos na próxima temporada. Soja terá os maiores números da série histórica

Por Tânia Moreira Alberti, economista do DTE/FAEP



Na terça-feira (12/07) o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou seu relatório de oferta e demanda para o mês de julho para as safras 2015/16 e 2016/17 já em andamento nos Estados Unidos.

Para a soja, na temporada 2016/17 foi elevada a estimativa de produção mundial para 325,95 milhões de toneladas, com produção maior nos Estados Unidos e estimativa inicial de bons volumes de produção na América do Sul. Esta seria a maior produção na série histórica mundial.

Por outro lado, a demanda mundial também é recorde, com estoques finais mundiais previstos menores, resultando em uma menor relação entre o estoque e consumo em relação aos anos anteriores, o que é um bom sinal para os preços.

Para que estes números se confirmem, ainda há muita coisa para acontecer. No ano passado, também eram previstas produções recordes na América do Sul, mas as condições climáticas não permitiram isso. A colheita da soja nos Estados Unidos nem começou e a área a ser colhida por lá tem sido esperada como a

maior área já colhida. O USDA elevou a estimativa de produção de 103,42 para 105,60 milhões de toneladas.

A condição atual das lavouras é melhor que há um ano, segundo o USDA, mas a previsão de clima seco e quente no meio oeste americano a partir da segunda semana de julho continua no radar dos investidores. O mês de agosto é fundamental para que esta produção recorde projetada possa se realizar, e as condições de clima seco e expectativa de formação do La Niña continuam a ser observadas.

Para o milho, a produção mundial é estimada em 1,01 bilhão de toneladas como segundo recorde de produção na série mundial, depois de 2014/15. A demanda mundial também é maior, estimada em 1,00 bilhão de toneladas, mas os estoques finais não cederam nas estimativas do USDA.

Em junho, o USDA havia elevado a projeção da área de milho e com isso a estimativa da produção americana cresceu para 369,33 milhões de toneladas, elevando-se a estimativa dos estoques finais americanos. A colheita ainda não começou, sendo o

mês de julho crucial para confirmação desses números.

Como se não bastasse, não são apenas as estimativas de produção e perspectivas climáticas que têm conduzido os preços. O lado financeiro está presente, provocando oscilações ao sabor das perspectivas para o crescimento global, o que mexe com o câmbio e com as commodities.

O efeito que a saída do Reino Unido da União Europeia causará ao crescimento global e aos preços dos ativos é incerto. Isso, em conjunção com a reação dos bancos centrais pelo mundo – eles podem ou não decidir por uma política monetária expansionista –, atinge em cheio o mercado de commodities.

A aposta de que sejam adotadas políticas expansionistas por parte dos bancos centrais dos países desenvolvidos, cria a sensação de que uma maior liquidez irá favorecer o mercado de commodities e o dólar cede no cenário externo. O Banco Central intervém, mas ainda assim o câmbio apresenta cotações menores. Esse tem sido o cenário mais recente no mercado de grãos.

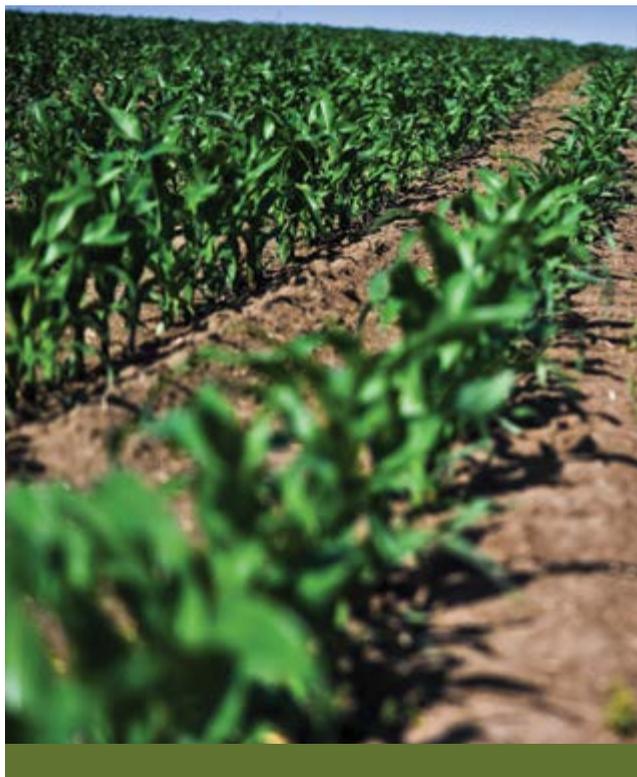
Trigo



Para o trigo, o fornecimento global para temporada 2016/17 foi mais uma vez elevado, com estimativa de produção de 738,51 milhões de toneladas, o maior volume já produzido na série histórica mundial. A demanda mundial também mostrou aumento em relação à estimativa de junho, mas a relação entre estoques finais e consumo, continua elevada em relação aos anos anteriores.

A produção da Argentina na temporada 2016/17 foi revisada para 15,0 milhões de toneladas, em relação as 11,30 milhões da safra passada. As estimativas de exportações também cresceram. No Brasil, apenas os estoques finais apresentaram aumento.

Comportamento dos preços em junho



Os preços médios da soja na Bolsa de Chicago no mês de junho foram cotados a US\$ 25,26 por saca, 9,3% maiores que em junho de 2015, mas 8,6% inferiores aos últimos cinco anos encerrados em 2014.

O preço médio nominal recebido pelo produtor no mês de junho foi de R\$ 80,96 por saca, segundo dados da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab), 42,5% maior que no mesmo período de 2015, mas este preço recuou nas primeiras semanas de julho, cotado entre R\$ 76,98 a R\$ 80,37 por saca, com o recuo dos preços em Chicago e queda do câmbio.

Os preços médios do milho na Bolsa de Chicago no mês de junho foram cotados a US\$ 9,71 por saca, 12,6% maiores que em junho de 2015, mas 32% menores que a média dos últimos cinco anos encerrados em 2014.

O preço médio nominal recebido pelo produtor no mês de junho foi de R\$ 38,73 por saca, maior que os R\$ 19,17 por saca de junho do ano passado. Este preço recuou em julho entre R\$ 33,81 a R\$ 34,62 por saca, com a colheita do milho safrinha, com percentual colhido atual de 42% no Estado, segundo a Seab.

A estimativa inicial de produção no Estado era de 12,9 milhões de toneladas sendo revisada para 11,4 milhões de toneladas, após as geadas no mês de junho, o clima na condução da colheita permanece como ponto de atenção, devido ao quadro de redução da oferta nacional. Mais perdas na produção de milho podem agravar o quadro de menor oferta nacional, independente do que mostra o quadro de preços no cenário internacional.

Governo e entidades querem revitalizar a produção de abacaxi

Dos 399 municípios do Estado, 201 possuem produção da fruta

Por André Amorim



Uma das frutas tropicais mais consumidas no mundo, o abacaxi foi tema de um encontro realizado no dia 1º de julho em Santa Isabel do Ivaí, cidade que concentra 37% da produção estadual da fruta. O 6º Encontro de Produtores de Abacaxi do Paraná marcou também a largada de um projeto desenvolvido por um grupo de trabalho coordenado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (Seab) formado pela Emater, Instituto Agrônômico do Paraná (Iapar), Agência de Defesa Sanitária do Paraná (Adapar), Ceasa e pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, que tem entre seus objetivos alavancar a produção da fruta no Estado.

Segundo o pesquisador do Iapar, Pedro Antônio Auler, gerente do Projeto de Apoio aos Polos de Citrus, Abacaxi e Maracujá do

Noroeste do Paraná, a ideia foi utilizar um evento que já tem certa tradição na região para apresentar a iniciativa aos produtores e discutir os principais gargalos de cada cultura. No caso dos citros e do maracujá, os problemas são fitossanitários e contarão com ações que estão sendo desenvolvidas pelo grupo.

Já o abacaxi encontra os seus principais entraves na organização dos produtores e na comercialização da produção. “Na questão da organização, você não tem uma associação de produtores ou uma cooperativa que organize e direcione a produção, é cada um por si”, explica Auler. Com isso, segundo ele, os produtores acabam concorrendo entre si e não conseguem atender de forma eficaz o mercado consumidor.

No Paraná o abacaxi concentra-se no Norte e Noroeste do Estado. Na região de Paranavaí, que responde por 60% da produção, estão os principais municípios produtores: Santa Isabel do Ivaí e Santa Mônica, que juntos produzem quase metade do abacaxi paranaense.

Em 2015 a fruta ocupou 428 hectares no Estado. Segundo o engenheiro-agrônomo Paulo Andrade, do Departamento de Economia Rural (Deral) da Seab, naquele ano o Valor Bruto de Produção (VBP) da fruta foi de R\$ 13,6 milhões. Dos 399 municípios do Estado, 201 possuem produção da fruta.

Com os produtores trabalhando de forma organizada seria possível escalonar a produção e vender as frutas conjuntamente mantendo a regularidade da oferta. Outras vantagens seriam a possibilidade de compras de insumos em conjunto e a contratação de assistência técnica de forma coletiva, de modo a reduzir os custos e difundir o conhecimento. “A saída é a união”, avalia Auler.

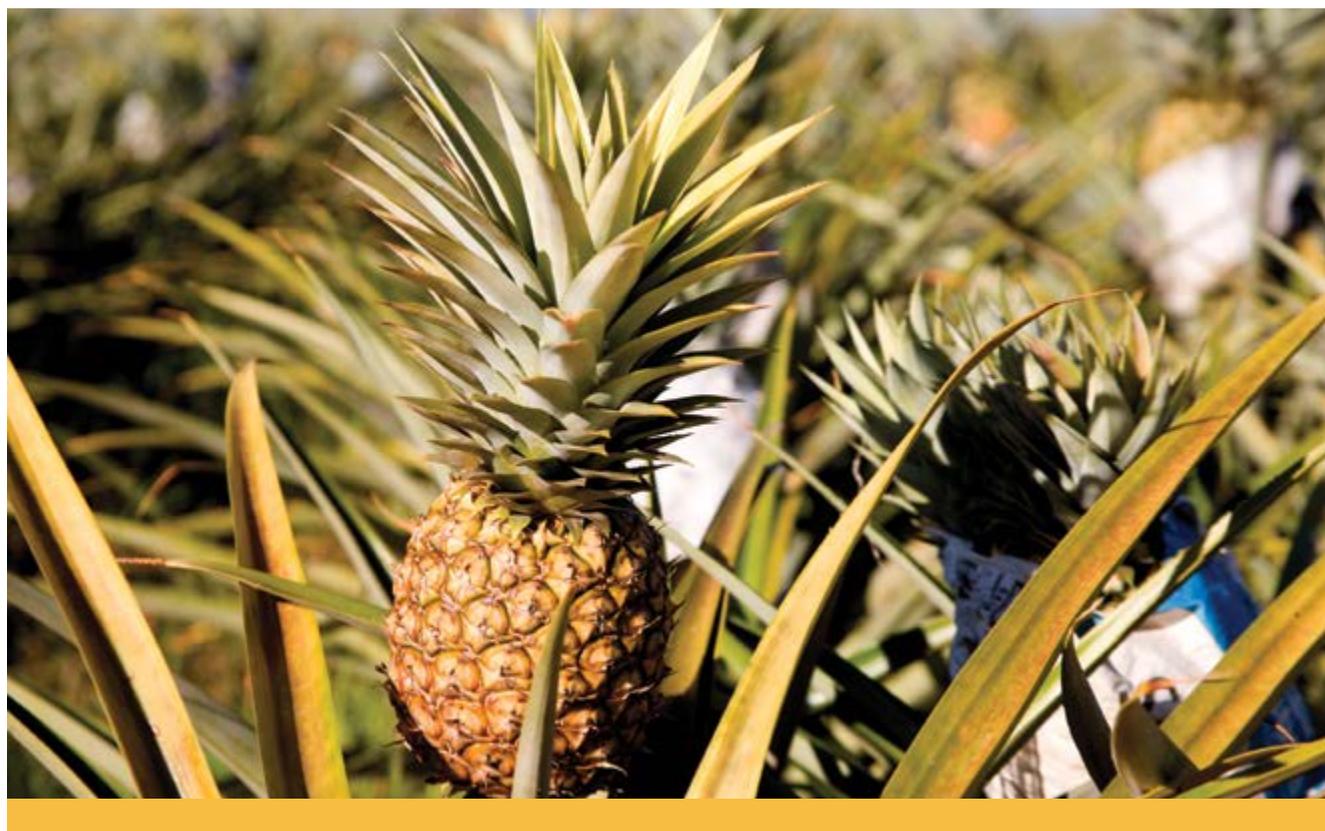
Essa estratégia costuma trazer bons resultados, a exemplo do que já acontece em outras regiões, como as goiabas de Carlópolis, no Norte Pioneiro, ou as maçãs de Palmas, no Sul do Estado. No caso do abacaxi, o mercado mais promissor é o da fruta in natura, mas o projeto da Seab prevê um estudo econômico de mercado para avaliar as possibilidades de processamento. Esse potencial pode estar sendo subaproveitado, pelas mesmas questões de organização que impedem que a fruta produzida no Paraná seja comercializada da melhor forma.

Gestão da Comercialização

“Em Japurá [distante cerca de 100 quilômetros de Santa Isabel do Ivaí] existem três fábricas de polpa de fruta, mas 95% do abacaxi vêm de fora”, observa Ricardo Domingues, engenheiro-agrônomo da Emater e fruticultor. “Como os produtores da região não conseguem manter uma produção constante e em escala, os compradores preferem aqueles que têm um atendimento mais regular”, observa. Há 15 anos plantando abacaxi, ele também concorda com a tese de que a organização dessa cadeia produtiva é a saída para a cultura deslanchar no Estado.

Atualmente Domingues cultiva abacaxi em cerca de 25 hectares com a ajuda dos dois filhos. Segundo ele, o manejo encarece a cultura, uma vez que praticamente todo processo é manual. “O mais caro é a mão de obra, desde colher a muda, plantar, indução, colheita, tudo é feito manualmente”, explica. Em outros polos produtores no Brasil, algumas destas etapas já contam com mecanização, principalmente na capina e na aplicação dos tratamentos culturais, mas de modo geral, ainda é muito insipiente.

Nas lavouras do produtor Valdir Baptista, de Santa Isabel do Ivaí, por exemplo, mais de 60% do manejo são feitos de forma manual. Nas épocas de plantio e de colheita, consideradas as mais trabalhosas, ele contrata mão de obra temporária para dar conta do serviço. Atualmente cultiva cerca de 39 hectares onde plantou 1 milhão de pés de abacaxi, divididos em uma parcela mais velha – que deverá ser colhida antes – e outra mais nova. O objetivo da



divisão é proporcionar uma colheita escalonada, para que as frutas não cheguem ao mercado todas ao mesmo tempo.

Ele lembra que quando começou a plantar abacaxi em escala comercial, por volta de 2005, ainda havia poucas pessoas na atividade. Na época, ele formou, junto a outros 14 produtores locais, um condomínio agrícola para fomentar a produção da fruta. “Depois uns foram saindo, outros começaram a se virar sozinhos e acabou. Hoje cada um vende o seu na hora que madura, ninguém pensa na região”, explica.

A falta de escalonamento faz com que os preços oscilem de acordo com a oferta. “Quando não tem abacaxi na praça, o preço vai lá em cima e você vende por R\$ 1,20, R\$ 1,30 o quilo. Mas quando todo mundo vende junto, vai lá pra baixo, até R\$ 0,40 o quilo”, observa.

Clima e Capacitação

Mas não é só a falta de organização que pesa contra o abacaxi paranaense. O clima também é uma variável que precisa ser equacionada corretamente para evitar perdas. “Esse inverno teve uma geada que estragou um pouco”, conta Baptista. Porém, pior do que algumas perdas pontuais é a frutificação das plantas fora de hora. Segundo ele, quando submetidas a um frio muito intenso, as plantas “soltam o fruto”, muitas vezes enquanto ainda estão muito

pequenos. Em outros Estados como Minas Gerais, onde o clima é mais quente, é possível ter mais controle da produção.

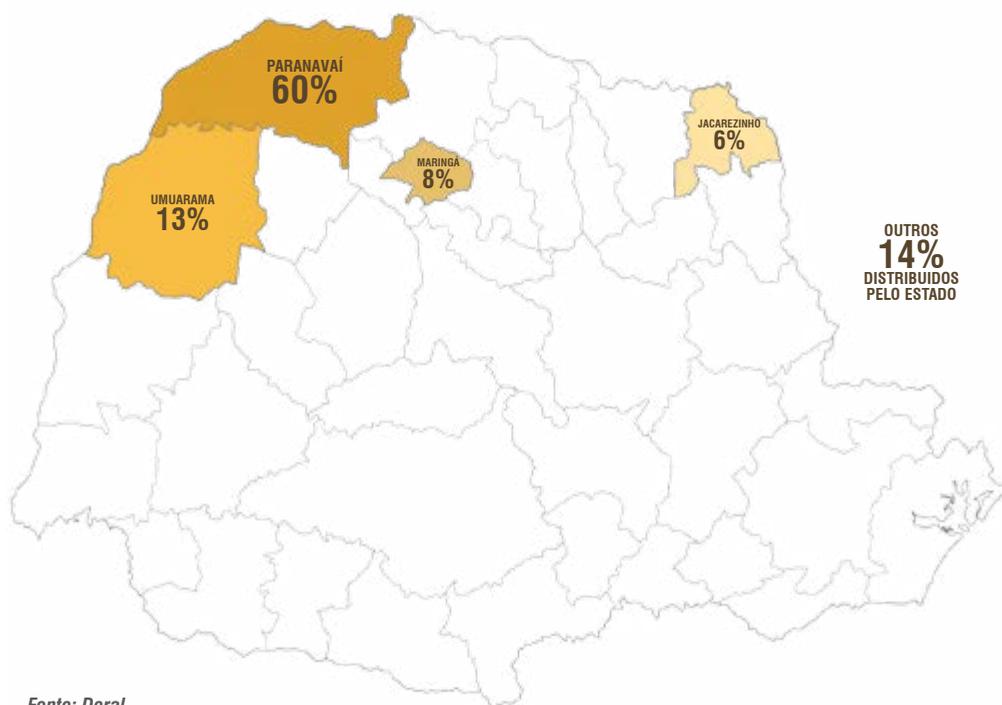
Segundo Domingues, da Emater, a fruta que tem um ciclo de 18 meses também depende de um período de luz para se desenvolver adequadamente. No Paraná essas condições não ocorrem no Estado inteiro limitando o plantio a algumas regiões. “Se tiver menos luz, a fruta fica mais azeda”, diz. Na sua lavoura, Domingues planta cerca de 35 mil mudas por hectare, o que proporciona um rendimento médio de 40 toneladas de abacaxi por hectare.

O projeto também prevê a atualização dos produtores com relação as novas técnicas de cultivo, considerando que o SENAR-PR é um dos parceiros do projeto e poderá qualificar os fruticultores. “Apesar da cultura estar na região há mais de 20 anos, existem muitas técnicas que evoluíram e que precisam ser difundidas”, avalia Auler, do Iapar.

Coaprocor

Durante o evento foi apresentada aos produtores a experiência da Cooperativa Agroindustrial de Produtores de Corumbatá do Sul (Coaprocor), que reúne cerca de mil pequenos produtores de frutas de 25 municípios e vem obtendo bons resultados vendendo a produção para a merenda escolar e agregando valor aos produtos através da industrialização.

Abacaxi no Paraná - Produção da Fruta por Região



Fonte: Deral



2015

428 hectares

12,9 mil toneladas

VBP Estadual

R\$ 13,6 milhões

406 Produtores

Produzido em

201 Municípios

Aplicação garantida

Uso do glifosato, amplamente utilizado pela agricultura no mundo, foi prorrogado por mais 18 meses pela União Europeia



Após muita discussão, que ainda não terminou, os países da comunidade europeia decidiram pela prorrogação do uso do glifosato por mais 18 meses. O produto faz parte da fórmula dos herbicidas amplamente utilizados pela indústria agrícola mundial. O anúncio foi realizado pela Organização Mundial do Comércio (OMC).

A prorrogação por mais um período traz alento para os produtores brasileiros, enquanto a assunto segue na pauta da comunidade europeia. Por aqui, o glifosato é o principal herbicida utilizado em plantio direto na soja e no milho transgênicos. Na safra 2014/15, 94% da soja no país são transgênicas e 84% do milho. No caso do cereal, o principal evento transgênico é a resistência a insetos e, em menor proporção, ao glifosato.

"A China é o principal importador de soja transgênica brasileira, e lá não se tem restrição até o momento. A União Europeia compra bem menos que a China, mas é importante também", destaca o engenheiro-agrônomo da FAEP, Fernando Aggio.

O secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Eumar Novacki, que acompanhou a discussão sobre o tema em Genebra, na Suíça, também destacou a importância da decisão para a agricultura nacional. Para ele, "a de-

cisão libera a produção brasileira do clima de insegurança. Não se pode banir um produto largamente utilizado pela produção agrícola, e que contribui para sua produtividade, sem critérios científicos".

Entenda o caso

A discussão sobre a liberação (ou não) do glifosato é assunto antigo na comunidade europeia, mas sem consenso ainda. Somente este ano, os 28 estados-membros já tentaram renovar a homologação do glifosato no bloco por três vezes, todas fracassadas.

Ao longo dos próximos 18 meses, novos estudos sobre os efeitos do produto serão realizados. O objetivo é eliminar qualquer tipo de especulação que possa desequilibrar o mercado agrícola e colocar em risco a segurança alimentar mundial.

O uso de herbicidas que contêm glifosato se espalhou pelo mundo na década de 1970. Posteriormente, com o desenvolvimento de cultivares transgênicas resistentes a substância, como a soja RR (Roundup Ready) da Monsanto, o uso cresceu exponencialmente.

O Pai dos Jogos



Nascido em 1863, o francês Pierre de Frédy era um aristocrata – sua família detinha títulos de nobreza desde o século XV e seu pai era o barão de Coubertin, título que ele próprio passou a deter. Por isso mesmo, tinha diante de si a possibilidade de escolher qualquer atividade que quisesse. Recusou lançar-se na política e desprezou a carreira militar. Resolveu dedicar-se à sua principal paixão, a educação. Foi essa escolha que o tornou um grande nome para os esportes. Devido à sua dedicação, hoje o barão de Coubertin é conhecido como o pai dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Às vésperas do início dos jogos do Rio, o Boletim Informativo presta um tributo a este homem de visão.

O jovem Pierre defendia a prática cavalheiresca de esportes, sem finalidade de competição, como ocorria nas universidades da Inglaterra. Ele conheceu o sistema inglês em visitas à universidade de Rugby (berço do esporte que leva esse nome) e encantou-se com seus programas de educação física, que sonhou implantar em seu país – um objetivo que contrariava a cultura local, que considerava que esportes e intelecto não combinavam.

Sonhador, não se conteve em fundar associações desportivas escolares após suas andanças pela Inglaterra, Canadá e Estados Unidos. Queria mais. Sonhava com uma competição internacional que reunisse várias modalidades esportivas, nos moldes dos Jogos Olímpicos da Grécia antiga. Durante uma palestra na sessão da Associação Francesa de Esportes Atléticoes, na Universidade de Sorbonne, em 1892, lançou a ideia de restabelecer os Jogos Olímpicos.

Para ele, o esporte desempenhava no mundo moderno papel tão importante quanto tinha na Antiguidade. Em 1894, a França convocou sociedades esportivas do mundo todo para um Congresso para debater questões sobre o esporte em geral. O convite só não mencionava o real objetivo do paraninfo de fazer renascer os Jogos Olímpicos. Participaram 11 diferentes países e 49 entidades esportivas. No mesmo ano foi constituído o primeiro Comitê Organizador dos Jogos, patrocinado pelo príncipe grego Constantino. Era o nascimento do Comitê Olímpico Internacional.



No começo, divergências

Para os gregos, os Jogos Olímpicos representavam a união pelo esporte e promoviam a paz, mas não foi o que ocorreu quase 16 séculos depois. Pierre de Frédy teve que lidar com o ego ferido dos ginastas. A federação belga escreveu para as outras federações, sugerindo uma resistência orquestrada contra o trabalho do Congresso de Paris. Eles não se mostraram inclinados a tolerar a presença das modalidades atléticas que eles não praticavam e que desdenhosamente chamam de "esportes ingleses". A sua principal luta foi impedir a presença de atletas profissionais nas provas.

Pierre de Frédy criou os princípios para a restauração dos Jogos: celebração de quatro em quatro anos (como na Antiguidade); modernização do programa esportivo; rotatividade dos Jogos entre as principais cidades do mundo; exclusão das provas infantis e escolares; criação

do Comitê Olímpico Internacional (COI).

A tocha olímpica foi acesa novamente em Atenas, na Grécia, em 1896, após o rei Jorge I ceder a cidade para a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

A Grécia passava por uma grave crise financeira e, inicialmente, seu primeiro-ministro, Charilos Tricoupis, não liberou verbas para a organização da competição. As Olimpíadas foram salvas graças a uma generosa contribuição do bilionário arquiteto egípcio Georgios Averoff. Participaram dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna 123 atletas gregos e 88 estrangeiros, representando 14 países. Eles competiram em 43 eventos de nove modalidades.

Apesar do sucesso dos primeiros jogos, o Movimento Olímpico enfrentou tempos difíceis. Os Jogos Olímpicos de 1900 e de 1904 foram integrados a feiras comerciais da época, foram alongados para uma duração de cinco meses e tiveram uma organização fraca. Passaram completamente despercebidos.

A situação melhorou quando Coubertin e o Comitê Olímpico resolveram burlar as próprias regras. A pretexto de comemorar os dez anos da primeira edição, convocaram uma edição especial dos jogos apenas dois anos depois das competições de Saint Louis, em 1906. A recepção dos gregos foi, novamente, muito positiva. As competições contaram com 903 atletas de 20 países, que competiram durante 11 dias. Foi um sucesso. Os jogos estavam salvos. Os jogos de 1906, entretanto, não entraram na contagem olímpica e poucos se lembram de sua existência.

Desde a primeira edição na Era Moderna, os Jogos Olímpicos foram interrompidos apenas durante os períodos da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais. A competição se tornou o maior evento

da humanidade reunindo delegações de mais de 200 países, mais nações do que a Organização das Nações Unidas (ONU) consegue agregar.

Após a conquista de conseguir trazer de volta os Jogos Olímpicos, o barão de Coubertin continuou sua luta e assumiu a presidência do COI. Criou ainda a bandeira olímpica – formada por cinco círculos intercalados, cujas cores formam todas as bandeiras nacionais – e o juramento olímpico. Pela sua devoção ao espírito olímpico, Pierre de Frédy recebeu o Nobel da Paz em 1920.

Legado

Em 1925, com idade avançada deixou a presidência do COI. Gastou praticamente toda a sua fortuna para colocar em prática o sonho das Olimpíadas e quando morreu, em 1937, em Genebra, na Suíça, estava pobre e isolado. Tinha 74 anos e foi enterrado em Lausanne, também na Suíça, sede do Comitê Olímpico Internacional. Porém, seu coração foi transportado para Atenas, capital da Grécia, e colocado num monumento erguido em sua homenagem, localizado nas proximidades das ruínas do Templo de Olímpia.

Hoje, o barão é muito lembrado por uma frase que adotou como lema para os jogos: "O importante não é vencer, mas competir. E com dignidade". Curiosamente, não é ele o autor. Coubertin a adaptou a partir de uma pregação feita em Londres por Ethelbert Talbot, bispo da Igreja Episcopal da Pensilvânia, à época dos jogos de 1908. "A coisa mais importante nos Jogos Olímpicos", disse ele, "não é vencer, mas fazer parte, da mesma forma que a coisa mais importante na vida não é o triunfo, mas a esforço. O essencial não é ter conquistado, mas ter lutado bem".



Capacitação com padrão internacional

Aumento no número de pessoas habilitadas para certificação facilita processo para o produtor rural



Entre os dias 4 e 6 de julho, o SENAR-PR, em parceria com a empresa alemã Global G.A.P, promoveu, em Curitiba, uma capacitação sobre as regras e procedimentos para desenvolver um sistema de certificação independente de Boas Práticas Agrícolas (BPA) na cadeia de hortifruticultura.

Com duração de 24 horas, um grupo de 19 técnicos, entre consultores do Sebrae e instrutores, do Rio Grande do Norte, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná participou do treinamento. “O nosso objetivo é aumentar o número de pessoas habilitadas e credenciadas para fazer a certificação. Além disso, unificar esse processo e facilitar a vida do produtor rural, melhorando a produção com segurança alimentar”, destacou o gerente técnico do SENAR-PR, Eduardo Gomes.

Hoje, por exemplo, o produtor rural só pode exportar com a certificação. “A maioria dos mercados, como Angeloni, Muffato e Walmart, entre outras redes, só compra produtos com certificação. Dessa forma, mesmo que o agricultor não venda o seu pro-

duto no mercado internacional, ele vai melhorar as condições da sua comercialização”, observou Eduardo, acrescentando que a ideia é expandir a capacitação para outras cadeias produtivas.

Esse é segundo treinamento realizado em parceria com a Global G.A.P, que credenciou o SENAR-PR como a única instituição de formação rural no Brasil, que vai referenciar a certificação de empresas, profissionais e produtores rurais. Segundo o consultor da empresa no Brasil, Marco Giotto, o padrão do treinamento é o mesmo que é realizado na Europa. “Esses consultores que irão auxiliar e preparar os produtores rurais para melhorar o padrão dos produtos em todo o Estado”, avaliou Giotto.

De acordo com ele, após o término da capacitação os participantes são avaliados e aprovados

ou não. Depois disso, no primeiro caso, o técnico deve fazer o credenciamento e seguir uma série de procedimentos determinados pela Global G.A.P. O curso foi patrocinado pela Citi Fundation, instituição ligada ao banco Citibank.

A empresa

Criada em 1997, a Global G.A.P é uma empresa europeia sem fins lucrativos, líder mundial em certificação e garantia de produção sustentável e segura. A empresa atende as exigências dos consumidores em relação à forma como os alimentos são produzidos, garantindo comercialização aos agricultores certificados, que adotam boas práticas agrícolas. Atualmente, os protocolos de certificação Global G.A.P. estão presentes em mais de 123 países. Em fevereiro de 2016, o SENAR-PR assinou termo de cooperação com a empresa.

Agricultura vertical

“Fazenda” em forma de torre produz mais de 250 variedades de plantas sem necessidade de sol e terra



A escassez de terra aliada a necessidade de aumentar a produção de alimentos para abastecer a população mundial tem exigido inovações por parte da agricultura. Alguns países têm apostado nas chamadas ‘fazendas’ verticais, onde as plantas são cultivadas e, posteriormente, colhidas sem necessidade de sol ou solo.

No sistema inovador, as “plantações” são em enormes bandejas iluminadas por lâmpadas LED, distribuídas em torres no interior de edificações, geralmente dentro dos centros urbanos. Desta forma, cercada por paredes, o risco climático é nulo. O cultivo também dispensa o uso de agroquímicos, pois a incidência de pragas também é zero. Outro benefício é a redução do uso de água. As plantas recebem nutrientes por meio de nuvens de gotículas nas raízes, em vez de serem mergulhadas em água.

Em virtude da tecnologia empregada, o controle total do clima reduz o ciclo de crescimento das plantas pela metade, permitindo o cultivo o ano inteiro. As lâmpadas de LED possibilitam o controle do tamanho, forma, textura, cor, sabor e os nutrientes das verduras e ervas.

Essas fazendas verticais existem em diversas cidades dos Estados Unidos, Canadá, Singapura, Panamá e Reino Unido.

Referência

A empresa AeroFarms está construindo a maior fazenda vertical do mundo, em Nova Jersey, nos Estados Unidos. Quando o projeto estiver terminado, em uma antiga usina siderúrgica no coração da cidade, serão 6,5 mil metros quadrados e nove metros de altura de ‘lavouras’. A expectativa é produzir 900 toneladas de alface,

rúcula, couve e outras verduras por ano.

De acordo com o executivo da AeroFarms, David Rosenberg, em vídeo divulgado pela empresa, o método é 75 vezes mais produtivo do que uma fazenda tradicional ao ar livre por metro quadrado. “Tecnicamente, podemos produzir qualquer tipo de planta. Mas, economicamente, o melhor é produzir vegetais de rápido crescimento que podem chegar ao mercado, tanto restaurantes como supermercados, em um curto espaço de tempo”, explica Rosenberg.

Apesar do aumento na aposta de produção em ‘fazendas’ verticais nos últimos anos, o executivo da AeroFarms é enfático em afirmar que esse sistema não substitui a agricultura tradicional. “Precisamos de várias operações bem-sucedidas em grande escala, e de forma contínua. Até lá, o mundo é dependente da terra para cultivar nossos alimentos”, ressalta.

O grão da cerveja

Prejuízos causados pelo El Niño em 2015 deixam produtores de cevada receosos no Paraná. Mesmo assim, a produção deve crescer este ano

Por André Amorim



Costuma-se dizer que gato esquentado tem medo de água fria. Pois foram justamente as águas que caíram no ano passado que assustaram muitos produtores de cevada no Paraná. É que a fúria do El Niño trouxe temperaturas acima da média e chuvas excessivas nos períodos críticos de desenvolvimento, e isso acabou prejudicando as culturas de inverno no Estado. O resultado foi uma produção de cerca de 130 mil toneladas, uma das piores da história.

Escaldados com os prejuízos, muitos produtores evitaram apostar no cereal nesta temporada. Segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab) a área destinada à cevada neste ano diminuiu 14%. Apesar disso, a produção do cereal deve aumentar no Estado, pois a produtividade média passou de 2.658 Kg/hectare, em 2015, para 3.949 Kg/ha em 2016. A explicação também está no clima. Neste ano, o fenômeno La Niña trouxe um inverno mais frio e mais seco, condições ideais para o bom desenvolvimento das culturas invernais.

“O pessoal se deu mal no ano passado e ficou com medo”,

resume o produtor Fábio Schmidt, de Ipiranga. Há 41 anos plantando cevada, ele já se acostumou a oscilações desse tipo e, por isso, não se alarmou. No ano passado sua produtividade média ficou em 2,5 mil Kg/ha, metade da média de um ano normal, que é de 5 mil Kg/ha. Mesmo assim, manteve neste ano a mesma área destinada ao cereal no ano passado, 600 ha. Sua estratégia é simples e eficaz: não colocar todos os ovos no mesmo cesto. Por isso, destina metade de sua área para a cevada, 25% para trigo e o restante para aveia branca. “No inverno, o produtor precisa gerenciar o risco”, ensina.

A região Sul responde por 100% da cevada brasileira, e o Paraná é o maior produtor do país, com participação de 63% na produção nacional. Em seguida vem o Rio Grande do Sul, com 34%, e Santa Catarina, com 3%. A informação é do “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, estudo produzido por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR.

De acordo com esse trabalho, no ano passado a produção

brasileira de cevada totalizou 263 mil toneladas. Algo insignificante na escala mundial, na qual o Brasil representa apenas 0,2% do total. Segundo o engenheiro-agrônomo e técnico da FAEP, Fernando Aggio, o potencial para crescimento é alto, uma vez que a produção brasileira é insuficiente para atender a demanda interna. Para atingirmos a autossuficiência, deveríamos triplicar a produção do cereal.

Cerveja

A principal destinação da cevada é o mercado cervejeiro. Durante o processo de beneficiamento, o grão é germinado, secado e torrado para se transformar em malte, matéria-prima indispensável para produção de cerveja.

Essa destinação fica evidente quando analisamos o mapa da cevada no Paraná. Além de limitações climáticas, a localização da produção obedece a uma lógica econômica. Praticamente todos os principais municípios produtores estão localizados ao redor de Guarapuava, onde está localizada a maltaria da Cooperativa Agrária, que recebe a produção e transforma os grãos em malte para a indústria de bebidas. De acordo com o relatório de atividades da cooperativa, em 2015 foram produzidos 217.681 toneladas de malte. A principal destinação desse material é a cervejaria Ambev.

O produtor Rafael Majowski, de Guarapuava, foi um dos que enviaram sua produção para a maltaria, no ano passado. Há dez anos na atividade, em 2016 ele decidiu reduzir a área de cevada por

causa dos prejuízos do ano passado. Em 2015, ele semeou 280 hectares com as variedades recomendadas pela cooperativa. Neste ano foram apenas 200 ha. “Diminui por conta da rentabilidade e do risco. Ano passado foi muito ruim”, conta.

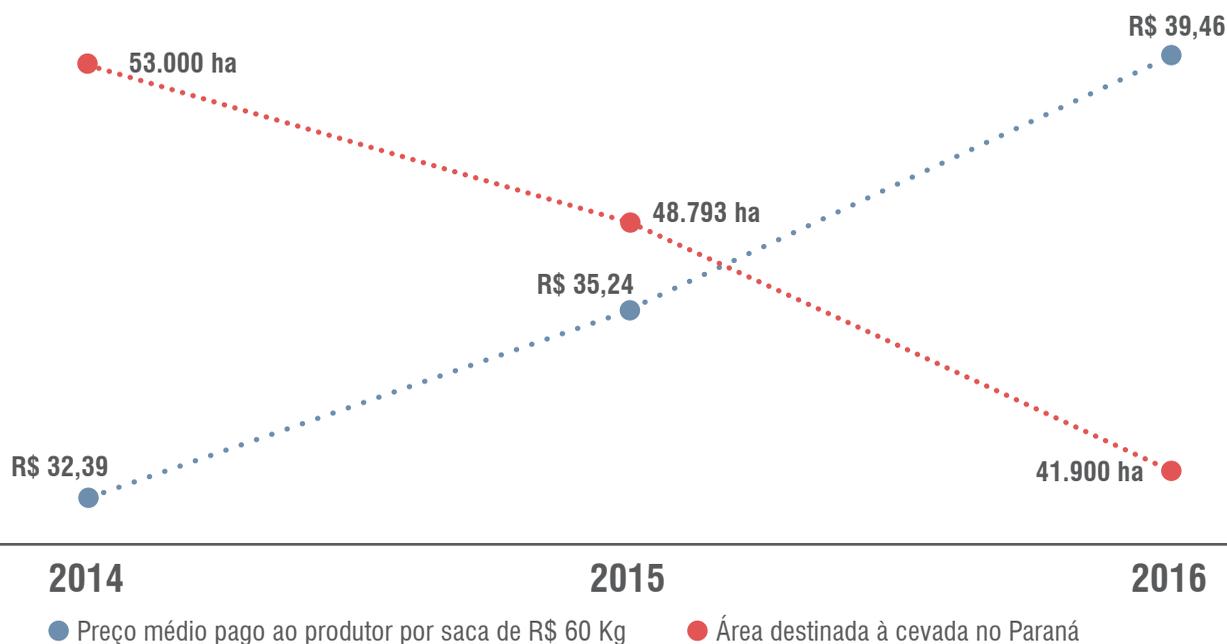
Segundo ele, as chuvas prejudicaram a qualidade dos grãos e também a produtividade na sua lavoura, que ficou em 3.387 Kg/ha. “Sem chance de fechar as contas”, lamenta. De acordo com o produtor, neste ano ele conseguiu “travar” antecipadamente o preço da saca de cevada que será colhida no final do ano. Dessa forma, é possível fixar o preço em reais, ou então atrelar o preço do cereal ao valor do trigo na bolsa de Chicago.

Na opinião do produtor, é preciso cuidar da produção para evitar doenças e manter a qualidade dos grãos. Como são destinados à produção de malte, se eles não estiverem dentro das especificações necessárias, são descartados e o preço cai cerca de 80%. “Se não der pra cerveja não vale nada”, observa.

O fator principal para a cevada ser considerada adequada para a indústria cervejeira é a germinação. Após a colheita os grãos são levados para a maltaria, onde são acondicionados em um ambiente com temperatura e umidade controlados. Para ser considerada adequada, a cevada deve ter um percentual mínimo de 95% de germinação.

“Não se trata de uma commodity como o trigo. Nós temos nichos para a cevada e o melhor mercado é o da cerveja”, observa Fábio Schmidt, de Ipiranga. Segundo ele o cereal também pode ser usado amplamente na alimentação humana. “A gama de produtos é muito grande, de ovomaltine a comprimidos”, afirma.

ÁREA EM QUEDA X PREÇO EM ALTA



Fonte: Deral e Panorama de mercado das Principais Atividades da Agropecuária Paranaense

Pesquisa

Hoje, praticamente todas as cultivares de cevada plantadas no Brasil são fruto de uma parceria de longa data da Embrapa Trigo, de Passo Fundo (RS), com o setor privado. “São convênios de cooperação técnica e financeira. A Embrapa produz as variedades e as maltarias plantam e testam”, explica o pesquisador da Embrapa Euclides Minella, PhD em melhoramento genético. Depois que a variedade está pronta, ela é distribuída para o plantio e a Embrapa recebe royalties pelo uso.

De acordo com Minella, a pesquisa consegue tornar as variedades mais resistentes a doenças, mas elas ainda são bastante suscetíveis a problemas climáticos. “O produtor da região Sul deve saber que está correndo o risco de perder para o clima”, aponta. Segundo ele, existem algumas variedades que são mais resistentes

a geadas, porém as chuvas excessivas, como as ocorridas no inverno passado, podem comprometer a produção e a qualidade. “Se chove muito antes do espigamento da planta, você tem o risco de doenças, se chove muito depois, o perigo é a giberela e a germinação dos grãos na própria espiga”, explica o pesquisador.

Produção concentrada

Hoje Guarapuava concentra 36,43% da produção de cevada do Paraná, garantindo um Valor Bruto de Produção (VBP) de mais de R\$ 35,8 milhões. Em segundo lugar vem a vizinha Cândói, com 18,59%. Na sequência, outra vizinha, Pinhão, que produz 16,13% do cereal do Estado. Juntos esses três municípios respondem por mais de 70% da cevada paranaense.

Um pouco mais distante desse centro, o

produtor Vagner Barauffe, de Palmeira (16º lugar no ranking paranaense da cevada), decidiu não plantar o cereal neste inverno. “Muita gente vinha diminuindo a área e agora parou. Faz uns cinco anos que ela não está dando uma boa rentabilidade”, observa.

Segundo ele, os produtores de cevada devem ter em mente sua capacidade de operação para não passar sufoco. “Não pode plantar mais do que a sua capacidade permite, tem que ter estrutura para cuidar e para colher na hora certa”, avalia.

Ele observa com otimismo a possibilidade da instalação de uma maltaria do Grupo Petrópolis em Araucária, na região metropolitana de Curitiba. O empreendimento, de R\$ 200 milhões, foi anunciado em julho do ano passado pelo governo do Estado e deverá ter capacidade para produzir 120 mil toneladas de malte por ano. “Se tiver uma opção mais próxima é melhor, a gente paga muito frete”, afirma Barauffe.

APENAS ÁGUA, LÚPULO E MALTE

Uma das primeiras iniciativas de que se tem notícia de uma lei que regulava a qualidade de um produto em benefício dos seus consumidores é a Lei da Pureza da Cerveja – ou Reinheitsgebot, no original alemão.

Promulgada pelo duque Guilherme IV da Baviera (foto ao lado), em 23 de abril de 1516, a medida estabelece os critérios que devem ser seguidos para a produção da bebida. Seu texto instituiu que a cerveja poderia ser fabricada apenas com três ingredientes: água, malte de cevada e lúpulo. O objetivo da medida era controlar a qualidade do produto e também impedir que outros cereais, como trigo e centeio, fossem usados na fabricação de cerveja em lugar da produção de alimentos.

A lei estabelecia que “qualquer um que negligenciar, desrespeitar ou transgredir estas determinações, será punido pelas autoridades da corte, que confiscarão tais barris de cerveja, sem falha”.

No Brasil, a legislação que regula a padronização de bebidas, incluindo a cerveja, é o Decreto nº 6.871, de 4 de junho de 2009. Por aqui é possível que as cervejarias substituam até 45% do malte por outros “cereais não maltados”, como milho ou arroz.



Isenção de ICMS para o biogás

A FAEP participou de uma audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do Paraná na última segunda-feira (11) com o tema “Otimização Pública das energias solar, eólica, biomassa e

outras no Estado do Paraná”. Na ocasião foi discutido um Projeto de Lei que institui benefícios, como isenção do ICMS, para incentivar o aproveitamento de energia elétrica produzida por microgeradores e minigeradores. Durante a audiência, o representante da Associação Brasileira de Biogás e de Biometano sugeriu a inclusão do biogás, que pode ser gerado a partir de dejetos da produção de aves e suínos, entre os setores a serem beneficiados.



Temer na FPA

O presidente interino Michel Temer participou, na terça-feira passada (13 de julho) de uma reunião-almoço na Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA). Participaram 60 deputados, cinco senadores, ministros e lideranças do setor, incluindo o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette. Foi a primeira vez que um presidente da República participou de um almoço da entidade. Em carta entregue ao presidente com as pautas estratégicas do agronegócio, a FPA avaliou que o governo em exercício tem capacidade para reorganizar a economia e fazer reformas estruturais, além de readquirir a confiança do setor privado e fazer o Brasil voltar a crescer. Temer foi bastante receptivo aos pleitos da FPA, entre eles os projetos relacionados à aquisição de terras por estrangeiros, à regularização fundiária, ao licenciamento ambiental e à assistência técnica rural.



INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 30/06/2016

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A/ Saldo C/C	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	0,13
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	33.711.590,21	-	2.341.952,64	-	40.350.975,91
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	3.508.205,07	-	181.518,99	-	15.860.611,90
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.416.469,70	-	-	-	7.241.004,33
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	135.612,38	-	-	-	212.935,16
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	13.350,65	-	-	-	19.189,26
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	169.550,63	-	-	-	253.558,54
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.182,00	4.624.105,00	141.031,00	41.093.459,73	542.225,27	2.664.502,63	77.567,43	63.860.707,80
SALDO LÍQUIDO TOTAL								63.860.707,80

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

O Clube da Bezerra

Crianças participam de competição e aprendem a cuidar dos animais

Por Hemely Cardoso



As crianças desfilam com suas bezerras durante o julgamento

Numa tarde de sexta-feira ensolarada, grupos de crianças e adultos começaram a ocupar as arquibancadas na pista de julgamento no Centro de Eventos, da pequena Teixeira Soares (11.495 habitantes, IBGE 2015), região dos Campos Gerais. A garotada, ansiosa pelo início do desfile com as bezerras, organizou até uma torcida: “Aline, Aline”, gritava uma turma da plateia.

Na pista, oito crianças acompanhadas de suas bezerrinhas deram início à primeira competição do Clube das Bezerrinhas no município. Chegou a hora de a turma mostrar os resultados de quatro meses cuidando das futuras vacas. Durante a apresentação, Laura Gabriela David, 13 anos, não escondeu o nervosismo ao conduzir Bia, uma bezerra de três meses da raça Holandesa. Mesmo envergonhada, Laura estava orgulhosa em exibir a fêmea de quem cuidou desde o nascimento. “Dei ração, silagem, água, banho e muito carinho”, descreveu, acrescentado que contou com a ajuda da mãe, a produtora de leite Silvia Basílio David.

Além de todos os cuidados, a garota treinou o animal para que ele não fizesse feio na pista e o conduziu puxando pelo cabresto com a mão esquerda, uma regra determinada nesse tipo de competição.

Assim como Laura, os irmãos Fabrício, 13 anos, e Fabrine Cardoso Alves, sete anos, se dedicaram às bezerras da raça Holandesa Melinda e Mili. Durante a apresentação, Fabrício ficou atento a todos os detalhes para conduzir a sua bezerrinha. “A Melinda é muito mansinha, mas deu trabalho treiná-la”, revelou, tímido.

Aos poucos, as crianças foram se soltando durante o desfile e o desempenho de cada uma delas foi avaliado e julgado pelo médico-veterinário Pedro Guimarães Ribas Neto, da Associação Paranaense de Criadores da Raça Bovina Holandesa (APCBRH). No julgamento didático, os animais em pista são analisados e os melhores atributos que os tornam uma vaca com potencial de boa produção leiteira são destacados.



Os irmãos Fabrício e Fabrine com as bezerras Melinda e Mili

Na apresentação, Pedro observou a abertura e a profundidade do peito e das costelas, que melhoram a oxigenação do animal e a produtividade, além de critérios sobre a capacidade digestiva e de reprodução. “São essas características que determinam se a bezerra será uma vaca com um bom potencial produtivo”, explica. Além desses aspectos, o juiz avaliou a relação e a atenção da garotada com a suas bezerras. “A gente observa atentamente como a criança trata o seu animal e a forma como ela o conduz”.

Antes do julgamento, foram definidas várias categorias de premiação, entre elas a melhor apresentação e a melhor bezerra. Na primeira modalidade, Fabrício, todo orgulhoso, conquistou o primeiro lugar. Laura ficou em segundo. Ao final do concurso, todas as crianças receberam prêmios de participação.



Laura, orgulhosa, ao lado da bezerra Bia

O projeto

Essas crianças fizeram parte do primeiro campeonato do Clube da Bezerra organizado em Teixeira Soares, no último dia 8 de julho. No Paraná, segundo Pedro, a competição foi criada por cooperativas na década de 80 com a finalidade de estimular a sucessão familiar, aproximando os filhos de produtores de leite da atividade da família.

O Clube da Bezerra estimula a participação das crianças porque elas se envolvem e se dedicam à atividade. Além disso, elas começam a entender e perceber quais são os animais que possuem maior potencial para produzir na propriedade. “Durante o período que se dedicam às bezerras, as crianças fazem controle dos dados, anotação em planilhas, cuidam da alimentação e aprendem a quantidade certa para ministrar ao animal. Além disso, aprendem a amansar o animal, dar banho, escovar, tosquiar, cuidar da linha de dorso, puxar o animal na pista sem estressá-lo”, explica o médico-veterinário.

Em Teixeira Soares, a ideia do Clube nasceu no Sindicato Rural do município no ano passado. Segundo a presidente da entidade e produtora de leite, Lisiane Rocha Czech, um projeto foi elaborado com o apoio do SENAR-PR e definido o regulamento do concurso. Em novembro, formou-se o grupo de crianças, entre seis e 15 anos de idade e, através de parcerias com a prefeitura e empresas, foram promovidas diversas ações. Entre elas, uma visita técnica ao concurso do Clube da Bezerra durante a Agroleite, em Castro. “O nosso objetivo é despertar no público juvenil o interesse em aprender e a seguir na atividade leiteira, colaborando assim para a sucessão familiar e profissional na propriedade”, destaca Lisiane, com um brilho nos olhos.

De novembro para cá, todas as atividades desenvolvidas pelas crianças foram acompanhadas por uma comissão gestora do Clu-

be da Bezerra, formada por profissionais da área. “Para participar do concurso, as bezerras devem estar em dia com as obrigações sanitárias”, observa.

Hoje, a atividade leiteira é a segunda mais importante na economia de Teixeira Soares, com um Valor Bruto de Produção (VBP) de 37,4 milhões em 2015, segundo o Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab).



Lisiane: "O Clube é uma forma de incentivar a garotada"

A convivência com animais faz bem

As crianças que possuem maior interação com os animais apresentam maior predisposição para lidar com situações de estresse e ansiedade, além de se relacionarem melhor com outras

crianças e com o mundo ao seu redor. A avaliação é da psicóloga Cássia Aparecida Rodrigues, de Curitiba.

Segundo ela, o convívio diário com um animal proporciona estímulos não só para o desenvolvimento social e emocional da criança, mas como também ajuda no que se refere às aquisições cognitivas. “Quando ela convive com um bichinho vai se deparar com novos problemas e novas descobertas a todo o momento, o que ajuda no desenvolvimento da criança”, justifica.

Playboy carinhoso

Durante a premiação do Clube da Bezerra, não foram só as bezerrinhas que chamaram a atenção de quem passou por lá. Entre as baias, os olhos dos visitantes se encheram ao ver Playboy, um boi com 1.200 quilos e 1,80 de altura, considerado o maior boi adestrado do Brasil. O criador Anderson Alves, de Teixeira Soares, afirma que ele gosta de banho, escovação no pelo e muito cafuné. Para manter a aparência, Playboy se alimenta de feno, ração, pasto de qualidade e suplementos.

Anderson conta que comprou Playboy, resultado do cruzamento entre as raças Nelore e Holandesa, há nove anos, para participar de rodeios. Nessa época, o criador trabalhava nesses eventos e decidiu abandonar a atividade. “Como o Playboy era o boi mais manso, resolvi adestrá-lo”. Depois de um ano de treinamento, o boi aprendeu a engatinhar e a curtir um carinho. “Não foi fácil amansar o bicho porque envolveu muita técnica e paciência”, revela Anderson. Mas para ele, isso não foi exatamente um problema. No seu currículo há mais de 11 cursos do SENAR-PR, entre eles, doma, casqueamento e manejo.



Anderson: "Não foi fácil amansar o bicho porque envolveu muita técnica e paciência"

Mantendo o trabalho

Sindicato da Lapa elege nova diretoria em sintonia com as demandas do produtor rural



Livaldo Gemin, Eliseu Weinhardt e Norberto Ortigara

Tomou posse no último dia 27 de junho a nova diretoria do Sindicato Rural da Lapa, que comandará a entidade até 2020. O presidente Eliseu Francisco Cordeiro Weinhardt assumiu seu terceiro mandato, com a promessa de que o trabalho que vem sendo desenvolvido vai continuar.

Além dos membros da diretoria e associados do Sindicato, a cerimônia de posse contou com a presença de diversas autoridades, como o diretor secretário da FAEP, Livaldo Gemin, a prefeita da Lapa, Leila Klenk, o presidente da Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus, Luiz Roberto Baggio, e o secretário Estadual de Agricultura e Abastecimento, Norberto Ortigara, que tem propriedade rural no município e também faz parte da nova diretoria empossada.

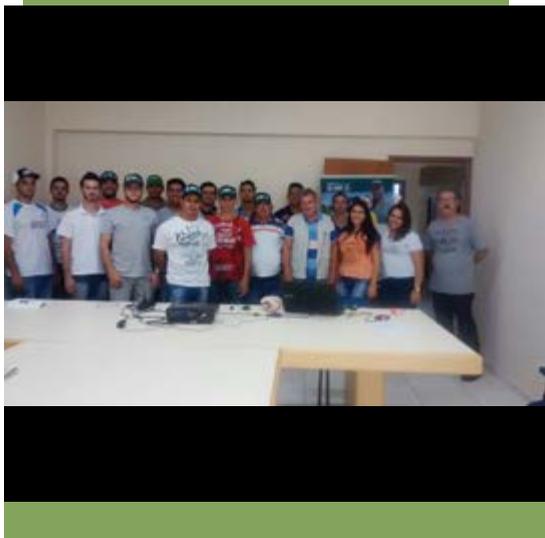
Nos últimos oito anos, o sindicato vem estreitando sua relação com a comunidade e tem colocado os produtores do município em sintonia com as ações do Sistema FAEP/SENAR-PR. Uma dessas medidas foi o aumento no número de cursos do SENAR-PR realizados no município. “Estava meio parado quando eu assumi, mas depois houve anos em que chegamos a fazer mais de 90 cursos”, diz o presidente.

Hoje, segundo Weinhardt, uma das maiores demandas do sin-

dicato é em relação ao preenchimento do Cadastro Ambiental Rural (CAR). Dois funcionários do sindicato foram treinados para atender os produtores do município e auxiliá-los no cadastro.

Outra questão central para os produtores da Lapa, que vem sendo enfrentada pelo sindicato em conjunto com a FAEP, refere-se à mudança de perímetro da Área de Proteção Permanente (APA) da Escarpa Devoniana, que cobre 11% da área do município. Segundo o presidente, a APA abrange uma parcela significativa das áreas mais produtivas da região. A FAEP promoveu o levantamento do real perímetro da escarpa que poderia ser tombada para que a atividade rural não fosse prejudicada. “Já houve alguns avanços”, avalia Weinhardt.

Outro ponto forte desta gestão são as parcerias, firmadas com a prefeitura, com a Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus, e outras instituições do município. Recentemente, uma parceria com as polícias Civil e Militar levou para os produtores palestras e orientações de segurança, uma vez que vem aumentando no município a ocorrência de crimes no meio rural. “Buscar formas de representar e defender a classe produtora é uma preocupação constante”, afirma o presidente.

Umuarama**Gado de Leite**

O Sindicato Rural de Umuarama promoveu entre os dias 5 e 9 de abril um curso de Manejo de Gado de Leite. Participaram 16 pessoas, com o instrutor Newton Jodas Gonçalves.

Abatiá**Produção Artesanal de Alimentos**

O Sindicato Rural de Abatiá realizou nos dias 31 de maio e 1º de junho o curso Produção Artesanal de Alimentos - Conservação de Frutas e Hortaliças, geleias, doces de corte e doces pastosos. Participaram 12 pessoas, com a instrutora Maria Luzinete Pina Zanin.

Campina da Lagoa**Alimentos Derivados de Leite**

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa, em parceria com a Secretária de Agricultura de Altamira do Paraná, realizou nos dias 14 e 15 de abril o curso Produção Artesanal de Alimentos - Derivados de Leite. Participaram 14 produtoras e trabalhadoras rurais, com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.

Porecatu**Mulher Atual**

O Sindicato Rural de Porecatu promoveu no dia 19 de maio o curso Mulher Atual. Participaram 22 pessoas, com a instrutora Zeila Maria Gomes Manchini.

Palotina



NR 31.8

O Sindicato Rural de Palotina realizou nos dias 11, 12 e 13 de abril o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 12 pessoas, com o instrutor Alcione José Ristof.

Cianorte



Veículos Canavieiros

O Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, promoveu entre o dia 20 de junho e 1º de julho o curso Técnicas de Operação Fora de Estrada – Veículos Canavieiros. Participaram oito trabalhadores rurais, com o instrutor Célio José Dias.

Honório Serpa



JAA

O Sindicato Rural de Honório Serpa promoveu no dia 14 de junho uma visita técnica de um grupo de alunos do programa Jovem Agricultor Aprendiz a uma propriedade que trabalha com pecuária leiteira. A visita foi orientada pelo técnico agropecuário e administrador da propriedade Fábio Olbermann e pela instrutora do SENAR Nágila Lavorati.

Sertanópolis



NR 33

O Sindicato Rural de Sertanópolis realizou entre os dias 11 e 15 de abril o curso Trabalhador na Segurança no Trabalho, NR 33 – supervisores. Participaram 10 pessoas, com o instrutor Clóvis Michelim Biasuz.

Oficina para disco voador

A agência espacial dos Estados Unidos (Nasa) testou ano passado um disco voador com novas tecnologias para a aterrissagem em Marte. O voo, conhecido como Low-Density Supersonic Decelerator (LDSD), foi transmitido ao vivo pela Nasa. Só que o teste terminou rapidamente quando o paraquedas do veículo rompeu, caindo sobre o oceano Pacífico.

Uma grande oportunidade de negócio para o Paraná, o primeiro no mundo a ter uma oficina para conserto de discos voadores.



Preferência Russa

Agora que a Rússia lançou com sucesso um novo modelo da nave russa Soyuz, na semana passada, os russos querem preferência para revisão da Soyuz MS-01, já que a oficina fica na Colônia do Lago, na PR 151, entre Palmeira e Ponta Grossa, vilarejo que teve seu desenvolvimento marcado pela colonização dos russos-alemães.

Gato capado

Um homem, ao ver o gato do vizinho andar sempre de um lado para o outro, pergunta ao vizinho:

- Ó vizinho, o seu gato anda doente?
- Não! É que ele foi capado e agora anda a desmarcar compromissos!



As cinco semanas



Julho terá cinco sextas, cinco sábados e cinco domingos. O acontecimento é classificado em mensagens que circulam por aí como raro, mas não é tão raro assim. O último ocorreu em 2011 e o próximo será em 2022. Na verdade isso não ocorre somente com o mês de julho. Todos os meses com 31 dias passam por isso a cada cinco ou seis anos.

Chineses

Das 10 guerras mais sangrentas de todos os tempos, sete delas ocorreram na China. Nos dois maiores combates dessas sete guerras chinesas, morreram mais pessoas do que na Primeira Guerra Mundial inteira, que envolveu — direta e indiretamente — mais de 100 países.





Visitante distinto

Um tamanduá bandeira apareceu de surpresa na Fazenda Santa Rosa, em Jaguariaíva.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br



Esbui

O capiau vai a uma estação ferroviária para comprar um bilhete.- Quero uma passagem para o Esbui - solicita ao atendente.

- Não entendi, o senhor pode repetir?
- Quero uma passagem para o Esbui!
- Sinto muito, senhor, não temos passagem para o Esbui.

Aborrecido, o caipira afasta-se do guichê, aproxima-se do amigo que o estava aguardando e lamenta:

- Olha Esbui, o homem falou que pra você não tem passagem, não!

Dois Amantes

O livro mais famoso do século 15 foi um romance erótico chamado História de duobus amantibus — ou História de Dois Amantes, em tradução livre —, e o autor desse “50 tons de cinza da era medieval”, um rapaz criativo chamado Aeneas Sylvius Piccolomini, que alguns anos mais tarde se tornou o Papa Pio II.



Relacionamento perfeito

Depois de três casamentos que não deram certo, o australiano Murray decidiu mudar. Ele desenvolveu uma forte conexão emocional e física com a boneca da sua vida. Noni, a boneca, foi comprada por Murray há alguns anos e, desde então, os dois têm vivido um relacionamento bastante intenso. Para Murray, a boneca o ajudou a deixar de sentir tanta solidão e, além de tudo, os dois têm uma boa relação em termos físicos e emocionais. “Se eu volto para casa das compras, ela está aqui em casa. Graças a Deus a casa não está vazia”, desabafa ele complementando que ela está sempre pronta a ouvi-lo e não discute nunca.



Lambari malandro

Cientistas da Universidade de Salford Manchester descobriram, ao estudar 64 lambaris, que alguns machucavam intencionalmente seus acompanhantes quando confrontados por um predador. Algumas vezes um morde o outro e em várias ocasiões dois lambaris se juntavam para bater em um pobre coitado que estivesse sozinho. É que quando os peixes são feridos, eles lançam uma espécie de alarme que avisa o resto do cardume sobre o perigo ou ataque de predadores. Uma malandragem aquática.

O homem que nunca mentiu

Era uma vez um homem sábio, chamado Mamad. Ele nunca mentia. Todo mundo naquela terra o conhecia, e mesmo os que viviam a 20 dias de viagem dali sabiam dele.

O rei ouviu falar de Mamad e ordenou a seus súditos que o trouxessem ao palácio. Ele olhou para o homem sábio e perguntou:

— Mamad, é verdade que você nunca mentiu?

— Sim, é verdade.

— E você nunca vai mentir na vida?

— Tenho certeza disso.

— Muito bem, diga a verdade, mas tome cuidado! A mentira é astuta e chega à língua com facilidade!

Vários dias se passaram e o rei cha-

mou Mamad de novo. Havia uma grande multidão, porque o rei iria sair para caçar. O rei tomou seu cavalo pela rédea, seu pé esquerdo estava já no estribo. Então ele ordenou a Mamad:

— Vá ao meu palácio de verão e diga à rainha que estarei com ela para o almoço. Diga-lhe para preparar um grande banquete. E você vai comer comigo.

Mamad curvou-se e saiu para encontrar a rainha. Então o rei gargalhou e disse:

— Nós não vamos caçar e agora Mamad vai mentir à rainha. Amanhã nós vamos rir muito dele!

Mas o sábio Mamad foi ao palácio e disse:

— Talvez a senhora deva preparar um grande banquete para o almoço de ama-

nhã, talvez não deva. Talvez o rei chegue ao meio-dia, talvez não.

— Me diga, ele virá ou não? — perguntou a rainha, intrigada.

— Eu não sei se ele colocou seu pé direito no estribo, nem se pôs o pé esquerdo no chão depois que eu saí — respondeu Mamad.

Todos esperaram pelo rei. Ele chegou no dia seguinte e disse à rainha:

— O sábio Mamad, que nunca mente, mentiu para você ontem.

Mas a rainha contou sobre as palavras de Mamad. E o rei percebeu que um homem sábio nunca mente porque diz apenas o que os seus olhos veem.

(Conto popular africano)



Endereço para devolução:
Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / /
Em / /

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br